



KOTSCHO PRESS

RELATÓRIO ASSESSORIA
COLÉGIO
SANTA CRUZ

2024

AGOSTO

PAUTAS TRABALHADAS & ENVIADAS AOS PRINCIPAIS VEÍCULOS DA IMPRENSA, ALÉM DOS ESPECIALIZADOS EM EDUCAÇÃO

- _1 SANTA PLURAL
- _2 USO DE CELULAR NAS ESCOLAS
- _3 NOVO PRÉDIO DA EI
- _4 GRADUAÇÃO NO EXTERIOR
- _5 PAUTAS FACTUAIS



PAUTAS EMPLACADAS

Professora que ensinou Química para Luciano Huck, Marcelo Paiva e Marina Person completa 100 anos

ONLINE



**Gilberto Amendola** >

Professora que ensinou Química para Luciano Huck, Marcelo Paiva e Marina Person completa 100 anos

Conheça Lucy Sayão Wendel, educadora que lecionou no Colégio Santa Cruz e completa 100 anos no próximo dia 5

Compartilhe: 

Por **Gilberto Amendola**
01/08/2024 | 14h30
Atualização: 02/08/2024 | 10h49

Lucy Sayão Wendel, educadora e professora de Química que marcou a vida de milhares de ex-alunos do **Colégio Santa Cruz**, completa 100 anos nesta segunda-feira, dia 5. Ela foi professora da escola entre 1967 e 2001 - iniciando ainda no período em que a instituição era exclusiva para homens.

Ex-alunos descrevem a professora como rigorosa, exigente, mas também solidária e afetuosa. Ela foi a professora de Química do apresentador Luciano Huck, do escritor Marcelo Paiva e da cineasta e apresentadora Marina Person.



Lucy Sayão Wendel Foto: Arquivo Pessoal

Entre as histórias clássicas da professora, uma delas aconteceu logo em seus primeiros dias na instituição. Para aferir o nível de conhecimento de seus novos alunos, ela aplicou uma prova. O resultado foi a reprovação de todos.

No dia seguinte, apenas um aluno apareceu na classe. O rapaz teria perguntado se ela daria aula para um aluno só. A resposta de Lucy é lembrada até hoje: "Dou para meio aluno até...sendo a parte de cima". A partir daí, Lucy começou a ganhar o respeito de todos os estudantes.

continua após a publicidade

Aliás, Lucy continua afiada e com o mesmo humor. Ao ser perguntada como é completar 100 anos de vida, ela respondeu: "Não sei porque eu nunca fiz".

REPERCUSSÃO: FICOU ENTRE AS MAIS LIDAS DO JORNAL. A PESQUISADORA MAYANA ZATZ ENTROU EM CONTATO PARA COLOCAR A LUCY EM UMA PESQUISA COM PESSOAS COM MAIS DE 100 ANOS

<https://www.estadao.com.br/amp/cultura/gilberto-amendola/professora-que-ensinou-quimica-para-luciano-huck-marcelo-paiva-e-marina-person-completa-100-anos/>

Professora que ensinou Química para Luciano Huck, Marcelo Paiva e Marina Person completa 100 anos

IMPRESSO

INÊS 249

C2

CULTURA & COMPORTAMENTO

DOMINGO, 4 DE AGOSTO DE 2024
O ESTADO DE S. PAULO**Direto da Fonte**
Gilberto Amendola

gilberto.amendola@estadao.com

MARCELA PAES | MARCELA.PAES@ESTADAO.COM
PAULA BONELLI | PAULA.BONELLI@ESTADAO.COM

Lucy Sayão Wendel

Professora que marcou a vida de alunos faz 100 anos

Lucy Sayão Wendel, educadora e professora de Química que marcou a vida de milhares de ex-alunos do Colégio Santa Cruz, completa 100 anos nesta segunda, dia 5. Ela foi professora da escola entre 1967 e 2001 – iniciando ainda no período em que a instituição era exclusiva para homens.

Ex-alunos descrevem a professora como rigorosa, mas também solidária e afetuosa. Ela foi a professora de Química do Luciano Huck, do escritor Marcelo Paiva e da cineasta e apresentadora Marina Person.

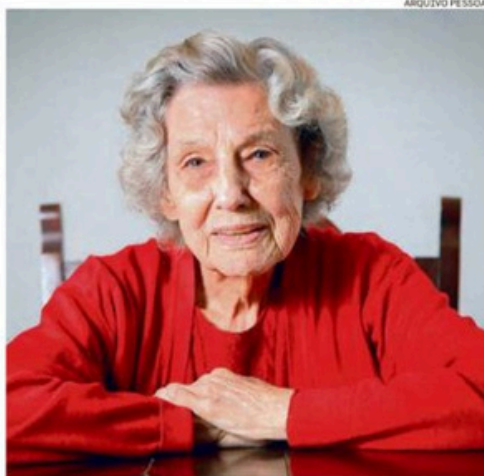
“Sempre que descrevo minha vida escolar e busco uma imagem que represente esta fase, a professora Lucy é a minha primeira lembrança. A professora que era capaz de me fazer entender Química.

Hoje, talvez, não me lembre da tabela periódica por completo, mas trago até hoje a lição de que é possível explicar temas complexos de maneira simples”, lembrou o apresentador Luciano Huck.

Entre as histórias clássicas da professora, uma delas aconteceu logo em seus primeiros dias na escola. Para aferir o nível de conhecimento de seus novos alunos, ela aplicou uma prova. O resultado foi a reprovação de todos.

No dia seguinte, apenas um aluno apareceu na classe. O rapaz teria perguntado se ela daria aula para um aluno só. A resposta de Lucy é lembrada até hoje: “Dou para meio aluno até... sendo a parte de cima”. A partir daí, Lucy começou a ganhar o respeito de todos os estudantes.

Aliás, Lucy continua afia-



ARQUIVO PESSOAL

Lucy Sayão Wendel ensinou Química para Huck, Paiva e Marina

“Nunca pare de estudar. Todo Mundo tem sempre o que aprender. Eu nunca parei de aprender”

Lucy Sayão Wendel
Educadora

da e com o mesmo humor. Ao ser perguntada como é completar 100 anos de vida, ela respondeu: “Não sei porque eu nunca fiz”.

QUÍMICA. A cineasta e apresentadora Marina Person contou como Lucy marcou sua

vida escolar: “Lucy conseguiu algo que para uma pessoa de humanas como eu parecia impossível: ela me fez gostar de Química”.

“Eu me lembro da primeira aula com ela. Lucy disse algo que levo comigo até hoje: ‘Vocês vão esquecer quase tudo o que eu ensinar, mas isso é saudável. É natural para a mente humana descartar memórias. Imagine se a gente não esquecesse das coisas. Os traumas, as tristezas ficariam com a gente pra sempre, então agradeçam ao seu cérebro por ele esquecer”, contou Marina Person.

O escritor Marcelo Paiva também é ex-aluno de Lucy: “Lucy é uma professora histórica. Fazia todo mundo gostar de Química. E a matéria é tão difícil, mas todo mundo amava. Ela tinha uma didática impressionante, tinha um carisma impressionante. Tenho muita saudade dela”.

Aos ex-alunos, famosos ou não, Lucy deixou um recado: “Nunca pare de estudar. Todo Mundo tem sempre o que aprender. Eu nunca parei de aprender” ●

Lucy, 100: a mensagem de uma vida professora

ONLINE

FOLHA DE S. PAULO

SAIR

OPINIÃO

Expressa as ideias do autor e defende sua interpretação dos fatos

ANA INOUE E JAYME SERVA

Lucy, 100: a mensagem de uma vida professora

Com décadas de magistério, educadora simboliza o valor da ciência

F

W

f

X

M

4 ago. 2024 às 22h00

ANA INOUE

Educadora, é superintendente do Itaú Educação e Trabalho

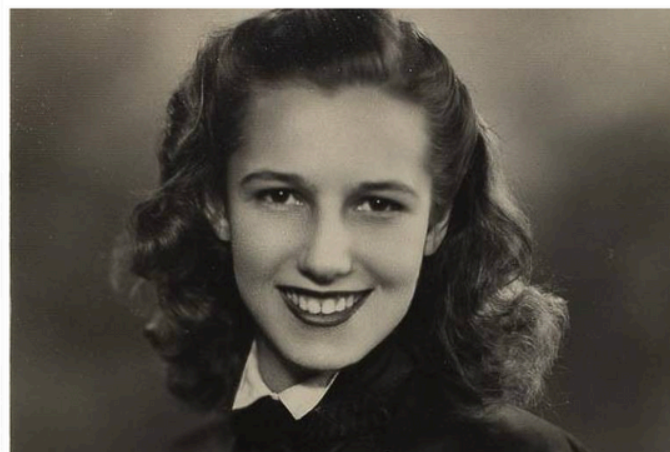
JAYME SERVA

Roteirista e escritor, é autor da biografia "Lucy: uma Vida Professora" (ed. Laranja Original)

Quanto vale aprender [ciência](#)?

Uma visão rápida sobre o mundo desenvolvido nos dá uma resposta: vale, no mínimo, um país. Como então pensar em construir um país em que a ciência hoje começa a se diluir, ou mesmo sumir, para boa parte dos estudantes de 11 a 18 anos no Brasil?

Essa introdução serve para contextualizar uma homenagem. Nesta segunda-feira (5), a professora de [química Lucy Sayão Wendel](#), que deu aula em colégios públicos paulistanos, como o Roosevelt, e particulares, como o Mackenzie e o Santa Cruz, completa 100 anos de vida —ao menos metade deles dedicados a disseminar a ciência e o [pensar científico](#).



A professora Lucy Sayão Wendel, aos 21 anos, na USP, na formatura de bacharel em química - Divulgação

São 100 anos que devem ser lembrados como parte do grande debate nacional hoje, que é a [educação](#). Se esse é o grande tema, seu motor principal é o educador. E se esse é seu principal motor, Lucy é um exemplo a conhecer e reconhecer.

<https://www1.folha.uol.com.br/amp/opiniao/2024/08/lucy-100-a-mensagem-de-uma-vida-professora.shtml>

Lucy, 100: a mensagem de uma vida professora

IMPRESSO

Lucy, 100: a mensagem de uma vida professora

Com décadas de magistério em SP, educadora simboliza o valor da ciência

Ana Inoue e Jayme Serva

Educadora, é superintendente do Itaú Educação e Trabalho

Roteirista e escritor, é autor da biografia "Lucy: uma Vida Professora" (ed. Laranja Original)

Quanto vale aprender ciência?

Uma visão rápida sobre o mundo desenvolvido nos dá uma resposta: vale, no mínimo, um país. Como então pensar em construir um país em que a ciência hoje começa a se diluir, ou mesmo sumir, para boa parte dos estudantes de 11 a 18 anos no Brasil?

Essa introdução serve para contextualizar uma homenagem. Nesta segunda-feira (5), a professora de química Lucy Sayão Wendel, que deu aula em colégios públicos paulistanos, como o Roosevelt, e particulares, como o Mackenzie e o Santa Cruz, completa 100 anos de vida —ao menos metade deles dedicados a disseminar a ciência e o pensar científico.

São 100 anos que devem ser lembrados como parte do grande debate nacional hoje, que é a educação. Se esse é o grande tema, seu motor principal é o educador. E se esse é seu principal motor, Lucy é um exemplo a conhecer e reconhecer.

Desde cedo, colocou-se a serviço da ciência, sim, mas acima de tudo a serviço da formação de seus alunos. Todos, não apenas daqueles hoje ditos "nerds", imagem por si só discriminatória sobre os que se dedicam ao estudo dos infinitos mecanismos que movem a máquina em que vivemos.

Lucy teve desde sempre a consciência do quanto o pensamento científico e sua disseminação são fundamentais para o desenvolvimento

individual e social das pessoas e de sua autonomia intelectual. Vale aqui lembrar um diálogo entre ela e um aluno, em sala de aula. "Professora, eu quero ser jornalista, por que preciso aprender química?", questionou o imberbe e inconveniente estudante, em 1996. "Primeiro, porque cai no vestibular", ela sorriu. "Depois, você não vai querer ser um jornalista sem cultura, que nega a ciência e não sabe entrevistar um cientista, né? Não me faça passar vergonha. Se for, não vá dizer por aí (...) que foi meu aluno", completou.

Esse diálogo bem-humorado foi contado pelo jornalista e escritor Camilo Vannuchi, hoje secretário de Cultura de Diadema (SP), em um óti-

[...]

Lucy os levava a aprender de uma forma inesperada e fluida, provocando um interesse renovado sobre o assunto. Muitos de seus ex-alunos foram estudar química pura na universidade, influenciados pelas aulas dela

mo perfil de Lucy que escreveu para uma publicação do Colégio Santa Cruz. A frente de uma das matérias vistas como mais difíceis pelos estudantes do nível médio, Lucy os levava a aprender de uma forma inesperada e fluida, provocando um interesse renovado sobre o assunto. Muitos de seus ex-alunos foram estudar química pura na universidade, influenciados pelas aulas dela.

Aulas que mostravam que química não é mais difícil do que história, arquitetura, música ou antropologia. Ou marcenaria, por que não? Desde que pensado e entendido, qualquer saber é acessível a todo ser humano que por ele se interesse. O que é preciso é que se ofereçam os acessos e que se quebrem os tabus que muitas vezes desenhavam a ciência como uma quimera.

Lucy, em casa e nas escolas em que estudou, do primário à antiga Faculdade de Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, conheceu desde sempre o valor do pensamento científico. Em sua trajetória, soube dividir isso com milhares de alunos que passaram por ela.

Neste seu aniversário de 100 anos, que será comemorado em família, mas também celebrado de longe por tantos ex-alunos, ex-colegas de profissão e admiradores, vale lembrar o exemplo de Lucy. Com ele, vale resgatar o papel da escola e do educador. Vale devolver à ciência o valor inestimável que ela tem para um país.

<https://www1.folha.uol.com.br/amp/opiniao/2024/08/lucy-100-a-mensagem-de-uma-vida-professora.shtml>

Escolas apertam o cerco contra o uso de celular

ONLINE



Postura semelhante teve o Colégio Santa Cruz, na Zona Oeste da cidade, que neste retorno às aulas praticamente banuiu o uso de celulares em todo o ensino fundamental. Alunos do ensino médio podem utilizá-los nos intervalos ou em “determinadas atividades com propósito pedagógico”. A Camino School, também na Zona Oeste, proibiu-os dentro da escola. Segundo Leticia Lyle, diretora do colégio, a proibição dos aparelhos é a melhor solução para incentivar uma discussão mais profunda na sociedade.

Isso porque, apesar de todas as facilidades e da diversão que os chamados smartphones trouxeram para a vida moderna, é quase um consenso entre educadores, psicólogos e pediatras que o uso excessivo desse e de outros gadgets, por pessoas tão jovens, traz mais prejuízos que vantagens. Sendo assim, o ambiente escolar vem se tornando um espaço restrito para interações digitais — priorizando as atividades analógicas e coletivas — e incentivando a socialização nos momentos de lazer.

<https://vejasp.abril.com.br/cidades/escolas-apertam-o-cerco-contr-o-uso-de-celular/mobile>

Escolas apertam o cerco contra o uso de celular

IMPRESSO

EDUCAÇÃO

Clube de Revistas

Hora de desconectar

Na retomada das aulas pós-férias, alunos enfrentam maiores restrições para usar celulares no ambiente escolar

Vanessa Barone



Aluno do Colégio Humboldt guarda celular antes da aula: acesso limitado

Para crianças e jovens em idade escolar, o período de férias costuma trazer uma bem-vinda pausa nas obrigações estudantis, com tempo livre para dormir, brincar e passar horas a fio com a cara grudada na tela do celular. Faz parte. De acordo com a pesquisa TIC Kids Online Brasil (Cetic.br, 2023), 95% dos brasileiros entre 9 e 17 anos são usuários de internet — sendo que, para 20% desses jovens, o telefone celular é o único meio de conexão com a rede. Mas, com o retorno às aulas, é hora de desconectar e encarar as restrições ao uso do aparelho, que boa parte das escolas da cidade já impõe.

"Até tentamos manter o acesso nos intervalos das aulas", afirma Adriana Kac, diretora pedagógica do Grupo Inspired, dono da Escola Eleva, na Vila Mariana. "Mas o uso continuou excessivo e decidimos restringir: hoje, só podem ser usados na entrada e na saída." Mãe de Victória, de 10 anos, que cursa o 5º ano do ensino fundamental na Eleva, a empresária Lucianne Carvalho comemora a decisão — e diz que ela contou pontos para a escolha da instituição. Isso porque, no ano passado, Victória foi vítima de cyberbullying, praticado por colegas de seu antigo colégio. A experiência mexeu com a menina. "Ela ficou muito chateada", diz a mãe, que mudou a filha de escola e decidiu substi-

Clube de Revistas



Crianças em atividade na Escola Eleva: socialização fora do mundo digital



Maira Lot Micales, os filhos, Valentina e Luca, e capa de *Larga esse celular!*: reduzir o tempo de tela é melhor que proibir

tuir o dispositivo por um tablet, com acesso controlado.

Postura semelhante teve o Colégio Santa Cruz, na Zona Oeste da cidade, que neste retorno às aulas praticamente baniu o uso de celulares em todo o ensino fundamental. Alunos do ensino médio podem utilizá-los nos intervalos ou em "determinadas atividades com propósito pedagógico". A Camino School, também na Zona Oeste, proibiu-os dentro da escola. Segundo Leticia Lyle, diretora do colégio, a proibição dos aparelhos é a melhor solução para incentivar uma discussão mais profunda na sociedade.

Isso porque, apesar de todas as facilidades e da diversão que os chamados smartphones trouxeram para a vida moderna, é quase um consenso entre educadores, psicólogos e pediatras que o uso excessivo desse e de outros gadgets, por pessoas tão jovens, traz mais prejuízos que vantagens. Sendo assim, o ambiente escolar vem se tornando um espaço restrito para interações digitais — priorizando as atividades analógicas e coletivas — e incentivando a socialização nos momentos de lazer.

Para Erik Hörner, diretor do Colégio Humboldt, em Interlagos, em muitos casos, são os próprios pais que dificultam a desconexão dos filhos. "Existe uma superproteção e uma dificuldade de cortar o cordão", afirma Hörner. No Humboldt, até o 8º ano smartphones não são permitidos, nem nos intervalos. "Já flagramos alunos se esconden-

do para poder jogar e fazer apostas pelo celular."

Escritora de livros infantis e publisher do grupo editorial Edipro, Maira Lot Micales concorda que é urgente a regulação do uso das telas pelas crianças e defende que os livros podem ser um ótimo aliado para isso. Tanto que, recentemente, publicou *Larga Esse*

Diversidade e inclusão

DIVERSIDADE E INCLUSÃO

“

DESAFIO É ADOTAR PROPOSTA ANTIRRACISTA E DEBATER COM AS FAMÍLIAS

”

Santiago, mãe de um aluno, foi até o aplicativo de mensagens de pais do colégio Equipe, em São Paulo, e fez uma provocação: como constituir uma comissão antirracista na unidade?

“Feita a provocação, houve a adesão de 100 responsáveis por alunos para integrar um grupo, estabelecemos diretrizes para a atuação da escola, apresentamos ao corpo diretivo e, a partir daí, passamos a dialogar e contribuir para que a escola adotasse as medidas”, comenta a autora da mensagem inicial.

Tudo isso aconteceu em 2020 e, desde então, segundo Barreto, foram realizados avanços nessa temática, como “Contratações de professores e coordenadores negros; programa de bolsa com recorte racial; interação e troca de saberes com atores sociais do território com atuação antirracista – no caso, o Movimento dos Sem Teto do Centro –; revisão do currículo escolar para implementação de uma educação decolonial; criação de um coletivo de alunos – o Equipreta – no qual alunos negros e brancos aliados se reúnem e atuam no combate ao racismo na escola”, enumera a advogada.

“Investir em uma estrutura interna voltada à igualdade é fundamental para que o racismo estrutural não se manifeste em ações individuais nesses ambientes”, opina. “A existência de

casos por ação individualizada de alunos e professores é reflexo de uma tensão causada pela adoção ainda incipiente (e muitas vezes inexistente) de uma educação efetivamente antirracista”, diz.

Para Barreto, o desafio é adotar verdadeiramente essa proposta: é debater o racismo com as famílias; adotar protocolos para diminuir conflitos, de modo a tratar os casos de forma estruturada, diminuindo o espaço para subjetivismos desnecessários; transformar os casos de racismo em oportunidades para adoção de ações antirracistas.

O grupo continua na ativa e ela se faz presente nas atividades. Seu filho agora cursa o 1º ano do Ensino Médio no local e a relação da família com o Equipe é forte. “Ainda nos reunimos, realizando eventos, debates, reuniões periódicas entre nós e o corpo diretivo do colégio”, afirma.

EDUCAÇÃO FÍSICA COM HISTÓRIA, ANCESTRALIDADE E REPRESENTATIVIDADE

Trabalhar, de forma intensa, pilares como inteligência emocional, estratégia, perseverança, conhecimento ancestral e saber do mundo atual no contexto de sua formação pode parecer algum tipo de formação específica para adultos ou parte integrante de um MBA, mas é uma aula de capoeira para crianças e adolescentes.

Solero, do Gracinha, atividades físicas que despertam reflexão



REVISTA MUNDO ESCOLAR

“Trata-se de uma prática corporal criada com tudo isso e nem sempre as pessoas estão acostumadas a ver o negro como inteligente ou estratégico”, afirma a docente de educação física no Colégio Santa Cruz e na Escola Gracinha, em São Paulo, Mildred Solero. “Mostrar essas negritudes aos estudantes pode fazer com que, paulatinamente, eles interiorizem a ideia de que o negro é realmente capaz, tanto quanto o branco”, ressalta.

São esses tipos de conteúdo que fazem do seu planejamento de curso referência no incentivo a uma convivência respeitosa e empática na comunidade escolar. “Um processo de educação antirracista tem que ter intencionalidade e ações específicas, dentro ou fora do escopo do que o componente curricular ensina”, diz.

Durante a atividade, a docente conversa sobre o porquê de algumas modalidades de matriz africana serem desvalorizadas, enquanto outras culturas são isentas de críticas (por exemplo, judô e capoeira).

Vídeos, documentários e trechos de filmes são exibidos e contextualizados, buscando a história dessa atividade e a contribuição de cada etnia no processo.

“A escola é o lugar onde, por lei, todos devemos estar. Diferente da religião, a escola tem como função apresentar o mundo como ele é, fomentando a busca de solução para os problemas enfrentados”, comenta.

E para que esse objetivo seja alcançado é preciso ir além das chamadas bolhas. “Daí vem a importância de escolas que educam crianças e jovens das classes A e B abrindo suas portas para a comunidade negra, que nem sempre pode arcar com a mensalidade”, observa.

Na sua visão, tratar das graves questões sociais da realidade exige representantes de todos os lados, para que seja possível encontrar soluções acessíveis.

RACISMO TAMBÉM É PROBLEMA DA ESCOLA

Como a maior agência humanizadora da sociedade contemporânea, a escola tem a tarefa da luta contra o racismo. Para a diretora pedagógica do colégio Santa Cruz, de São Paulo, Debora Vaz, esse tema pode ser abordado de diversas formas, como na contribuição de negros e indígenas na construção do país e nas demais áreas do conhecimento; nos acervos literários, na busca por maior representatividade; nos jogos e materiais didáticos, nos quais é possível compor outras vozes que não apenas as brancas europeias.

“Mas é, também, olhar para as situações nas quais observamos o racismo presente nas nossas relações, aprender a intervir e conversar sobre isso”, pontua. “Tanto de forma preventiva, para evitar que isso continue a acontecer, mas também de forma propositiva quando aconteceu”, prossegue.

Na visão da gestora, isso deve ser feito a partir da acolhida dos alunos que foram alvo e da educação dos que praticaram, fazendo-os reconhecer as suas responsabilidades nessas situações. É preciso aprender a criar dispositivos de reparação, acionando códigos de sanções e cuidados e, ainda, acompanhar, regular e monitorar esses alunos – sejam eles crianças, adolescentes e jovens. “Para que isso seja a nossa grande utopia e que não aconteça mais entre nós”, afirma.

Sobre os casos de repercussão nacional, a diretora pedagógica menciona a especialista nessa temática, a professora Lia Vainer Schuchman, que comenta



Vaz, do Santa Cruz, e preciso falar sobre antirracismo na escola e na família

Olhar para situações onde há o racismo, intervir e conversar sobre isso

NÚMERO 21

15

A REVISTA É DIGITAL E IMPRESSA
A IMPRESSA SERÁ ENVIADA PARA A ESCOLA

<https://www.linkedin.com/in/marcelodaniel>

EM ANDAMENTO

_1

RENATA CAFARDO DO ESTADÃO ESTÁ FAZENDO MATÉRIA SOBRE GRADUAÇÃO NO EXTERIOR. ELA ENTREVISTOU PROFESSOR AIRTON E EX ALUNOS QUE ESTAO ESTUDANDO EM UNIVERSIDADES NO EXTERIOR

_2

FOLHA DE SÃO PAULO ESTÁ FAZENDO MATÉRIA SOBRE EDUCAÇÃO INFANTIL E ENTREVISTOU DÉBORA VAZ

_3

FOLHA DE SÃO PAULO ESTÁ FAZENDO MATÉRIA SOBRE COLETIVOS EM ESCOLAS E AVALIANDO A RELEVÂNCIA DO COLETIVO LGBT DO SANTA PARA A REPORTAGEM. PROVAVELMENTE NÃO VAI AVANÇAR

EM ANDAMENTO

—4

MATÉRIA SOBRE MENINAS EM CAMPO ESTÁ NO RADAR DA BAND TV

—5

AINDA TENTANDO REPORTAGEM SOBRE EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA. ESTÁ DIFÍCIL DESPERTAR INTERESSE. FOCO FICOU NA QUESTÃO DO SUICÍDIO NO BAND/BOLSAS E É MELHOR FICAR UM POUCO AFASTADO DO TEMA

—6

PROGRAMA ENCONTRO / TV GLOBO QUER ENTREVISTAR PROFESSORA DE GINASTICA SOBRE MUSCULAÇÃO E SUGERIMOS MILDRED

OUTRAS ATIVIDADES

1 INFLUENCIADORES NEGROS DIVULGARAM O EVENTO DO SANTA PLURAL, COMO O DOUGLAS BELCHIOR E A PRETINHA EDUCADORA





KOTSCHO PRESS

2024

AGOSTO